



## **O TABU DO CORPO DA MULHER: ESPAÇOS DE EMPODERAMENTO NA CIBERCULTURA**

Janaina França<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo busca abordar os discursos feministas nas redes sociais – em específico os grupos e páginas do *Facebook* Curandeiras de si e Ginecologia Natural – relacionados ao empoderamento e retomada do conhecimento acerca do corpo da mulher. Trata-se de uma pesquisa em andamento, onde o foco está nas disputas políticas e simbólicas entre o discurso dominante biomédico e da mídia e, à margem, o discurso feminista que visa a retomada e autonomia do corpo da mulher. Neste trabalho, no entanto, restrinjo-me a analisar as “vozes” dessas mulheres na cibercultura, sem tensionar assim, neste momento, com os discursos midiáticos e biomédicos. A crescente luta feminista tem se intensificado graças ao ciberespaço e ao ciberativismo, através do uso das redes sociais, o qual é um elemento facilitador na disseminação de informações alternativas. Dentro desta proposta de pesquisa, os métodos digitais podem ser vistos como ferramentas de recolhimento de dados, como o mapeamento de padrões entre as muitas pessoas conectadas em um grupo ou página de *Facebook*, na pesquisa por *hashtag*'s para saber quantas pessoas estão falando sobre determinado assunto, além dos próprios métodos de pesquisa ofertados pelo *Facebook*, como a lupa. Através dessas técnicas de pesquisa pode-se obter uma melhor compreensão de como novos conhecimentos são criados e disseminados acerca do corpo da mulher.

**Palavras-chave:** Cibercultura. Discursos Feministas. Corpo da Mulher.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação Social, UFRB. E-mail: janinaezequielfranca@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma pesquisa em andamento que compõe o objeto de estudo de mestrado da autora. A pesquisa se insere a partir dos debates de ampliação das mídias sociais proporcionadas pela existência do ciberespaço enquanto uma nova área de investigação para os estudos de Comunicação.

Em meados do século XX e com a Terceira Revolução Industrial, o avanço tecnológico se desenvolveu tanto a ponto de dinamizar o fluxo de informações pelo mundo. Com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) se tornou fundamental que o comunicólogo pesquise as mudanças que vem ocorrendo nas dinâmicas relacionais entre as pessoas nas novas mídias e como isso tem ampliado o valor do conhecimento.

Dessa forma, a investigação dos discursos feministas nas redes sociais relacionados ao empoderamento e retomada do conhecimento acerca do corpo da mulher, tem se mostrado um importante meio de resistência frente ao patriarcalismo. O foco do estudo é a rede social *Facebook*, evidenciando os grupos e páginas Curandeiras de si e Ginecologia Natural.

Vale ressaltar que o conceito “mulher” é percebido em sua polissemia sociocultural. A categoria gênero aparece como um dado fundamental para compreender as relações sociais e de poder das diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1989). A noção de “corpo da mulher” é usado em um sentido mais restrito por pensar nas relações simbólicas instituídas a partir de condições biológicas específicas, como: menstruação, gestação, amamentação e menopausa. “Corpo da mulher” é utilizada de forma correlata ao conceito de fêmea humana (BEAUVOIR, 2009). De forma nenhuma é recair em um determinismo biológico, mas perceber através dessas condições biológicas específicas ao corpo da fêmea humana, como diferentes discursos são emergidos a respeito do conhecimento e, conseqüentemente, do poder sobre este corpo.

As disputas políticas e simbólicas são evidenciadas em torno deste conhecimento, através do sistema patriarcal que molda e controla os discursos sobre conhecimento de modo a conjurar poderes, numa tentativa de se esquivar muitas

vezes do peso da sua materialidade na vida prática das pessoas. Dessa maneira, nota-se o discurso biomédico, que ao longo do desenvolvimento da ciência mostra a supervalorização da concepção médica ocidental, excluindo outros saberes fundamentais para o entendimento da natureza cíclica da mulher. Além da própria indústria que enxerga o corpo da mulher como potencial de lucro e, à margem, tem-se o discurso emergente das mulheres feministas que defendem a retomada de poder do próprio corpo. Visto de uma forma mais ampla, o discurso não é entendido apenas como disputas simbólicas que dizem respeito a um sistema de dominação, no caso dos discursos feministas na cibercultura é compreender pelo que se luta e como o conhecimento pode ser apoderado. No entanto, neste presente artigo não há aprofundamento nos discursos biomédicos e industriais, o cerne se encontra na importância de se entender o ciberespaço como importante local de pesquisa e como a cibercultura está mudando a forma das mulheres se organizarem politicamente, construindo assim um conhecimento acerca do seu próprio corpo.

Portanto o artigo justifica-se pela importância das práticas das comunicações contemporâneas a partir do discurso feminista em grupos específicos da rede social Facebook. Dinamizando novas formas de conhecimento, informações e empoderamento político entre as mulheres de todo Brasil. Este trabalho, ainda embrionário, pode contribuir na articulação entre o crescimento do ciberespaço e cibercultura às novas formas comunicacionais, ressaltando o uso das redes sociais. Afinando-se, dessa forma, com a proposta de investigações conectadas às práticas contemporâneas de comunicação como uma área nova a ser explorada.

## **1. CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS**

“O céu sobre o porto tinha a cor de uma televisão sintonizada num canal fora do ar.” (GIBSON, 1991, p.14), é assim que começa a obra de ficção científica, *Neuromancer*, escrito pelo canadense William Gibson em 1984. Neste livro, a palavra ciberespaço é vista pela primeira vez e usada para denominar todo o universo das redes digitais. O termo hoje é popular tanto pelos usuários da internet quanto pelos

criadores das redes digitais. O pesquisador em ciência da informação e comunicação, Pierre Lévy, entende o ciberespaço (ou rede) como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p.92). Esta definição inclui as redes hertzianas e as telefônicas clássicas – ou seja, todo o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos. Assim sendo, Lévy aponta a codificação digital com preponderância, já que “ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 92-93).

Pierre Lévy deixa claro que nem tudo que é feito com as redes digitais é “bom”, mas ele tampouco tem uma visão apocalíptica das redes. No seu livro, *Cibercultura*, ele sugere que mantenhamos a mente aberta e receptiva em relação às novidades, pois só assim as novas tecnologias da comunicação podem ter um desenvolvimento positivo dentro de uma “concepção humanista”. Muitas vezes essa concepção é tida como apelo dos sonhadores, já que para os jornais e a televisão a era comercial dominou a rede. O fato, contudo, do uso dos suportes telemáticos – como computadores e celulares – estarem diretamente ligados aos ganhos das grandes indústrias de informática e das companhias de telecomunicações, não pode ser impedimento para abordar o ciberespaço sob a ótica cultural ou estética. Por mais que as indústrias façam fortunas graças ao mundo virtual, isso não evita ou atrapalha a comunicação interativa entre diferentes pontos do globo.

Em vista disso, vale ressaltar a grande adesão da sociedade ao ciberespaço, pois, segundo a Associação Brasileira de Telecomunicações (Telebrasil), em junho de 2017 o Brasil teve mais de 200 milhões de celulares com acesso à internet. O total foram de 229,6 milhões de acesso em todo país, um crescimento de 5% desde junho de 2016<sup>2</sup>. Conforme um relatório divulgado pela United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), o Brasil ficou em quarto lugar no ranking mundial de usuários de internet com 120 milhões de pessoas conectadas, ficando atrás da China, que ocupou o primeiro lugar com 705 milhões, em segundo a Índia com 333 milhões e os Estados Unidos ocupou o terceiro lugar com 242 milhões. Ainda de acordo com

---

2 Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-07/acesso-de-celulares-internet-ultrapassa-200-milhoes>, acesso em 20 de outubro de 2017.

o relatório da UNCTAD, o crescimento médio do acesso no país durante o período de 2012 a 2015 foi de 3,5%. O Brasil ficou atrás da Índia (4,5%), Japão (4,6%), Nigéria (4,9%) e México (5,9%).

Apesar do crescente número de pessoas conectadas ao ciberespaço ser animador, a desigualdade e a exclusão perpassam o ambiente físico e se tornam virtuais. De acordo com um levantamento feito em setembro deste ano pelo Núcleo de Informações e Comunicação do Comitê Gestor da Internet (CGI-Br), o percentual de lares com acesso à internet nos centros urbanos é de 59% e apenas 26% nas áreas rurais. O contraste também é notada na situação econômica, pois a internet está em 97% das casas cujas famílias possuem renda de até 10 salários-mínimos e apenas em 29% dos lares de famílias com até um salário-mínimo<sup>3</sup>. Dessa forma fica evidente que a exclusão digital tem relação direta com a desigualdade econômica do Brasil, sendo esse o motivo que torna cada vez mais discutido a democratização do acesso às tecnologias de informação, a qual permitiria a incorporação de toda população no ciberespaço.

A questão da exclusão e da desigualdade é crucial e indiscutível, porém Pierre Lévy defende que este fato lamentável não deve ser objeção na hora de considerar as consequências culturais dentro do ciberespaço, pois “não há sentido em opor o comércio de um lado e a dinâmica libertária e comunitária que comandou o crescimento da internet de outro” (LÉVY, 1999, p.13).

É importante ressaltar que, apesar do termo ciberespaço só ter sido criado na década de 80, a concepção de uma sociedade interligada através do advento da tecnologia já tinha sido pensada em 1964 por Marshall McLuhan no livro *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. McLuhan (2005) destaca em sua obra que a mensagem começou a viajar mais rápido que o mensageiro com o avanço da tecnologia e o surgimento do telégrafo. Dessa maneira, a comunicação começou a ter um significado mais extenso, principalmente com movimento da informação. O grande ponto é que ao notar a rapidez com que se desenvolvia as novas tecnologias de comunicação, McLuhan previu que a interconexão completa das pessoas, em

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://exame.abril.com.br/tecnologia/brasil-e-o-4o-pais-em-numero-de-usuarios-de-internet/>, acesso em 20 de outubro de 2017.

consequência do uso das mídias eletrônicas, criaria uma nova concepção de sociedade:

A aceleração de hoje não é uma lenta explosão centrífuga do centro para as margens, mas uma implosão imediata e uma interfusão do espaço e das funções. Nossa civilização especializada e fragmentada, baseada na estrutura centro-margem, subitamente está experimentando uma reunificação instantânea de todas as suas partes mecanizadas num todo orgânico. Este é o mundo novo da aldeia global (MCLUHAN, 2005, p.77).

Embora as tecnologias sozinhas não sejam capazes de modificar a sociedade, deve-se pensar que estas são criações de um povo e de uma cultura. Portanto, se uma técnica é criada dentro de uma cultura, a sociedade se encontra condicionada (e não determinada) a ela, como salienta Lévy. O sociólogo Manuel Castells partilha dessa ideia e complementa: a “tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 2002, p.43). Assim a intensa troca cultural no ciberespaço graças aos suportes telemáticos, gerou uma nova forma de organização social. Lévy define essa nova organização como cibercultura sendo caracterizado pelo “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem junto ao crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17). Para Castells, a cultura do ciberespaço foi apelidada de sociedade em rede, já que

um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela (CASTELLS, 2002, p.40).

Para Lévy, a cibercultura está ligada ao virtual tanto direta quanto indiretamente. De forma direta quando a informação existe fisicamente em um suporte – como um computador, *HD* ou *Pen-drive* – mas está acessível em rede para quem quiser (e puder pagar), basta alguns cliques. Indiretamente, quando a informação não se limita a questão da informática propriamente dita, mas da possibilidade de novas relações de comunicação, as quais favorecem a troca e produção de conhecimentos a nível global. Para o autor, o virtual é real e, dentro da cultura cibernética, a “moeda” existente é a informação virtualizada. Tem-se inúmeros exemplos cotidianos da cibercultura, como o sistema usado nos caixas dos supermercados, as transações bancárias através do cartão de crédito, as comunidades de aprendizagem como

ensino a distância (EAD), bibliotecas digitais, blogs educativos, mídias jornalísticas alternativas, as redes sociais e as artes (som, imagem e vídeo).

Dessa forma, o crescimento contínuo do ciberespaço é fruto do movimento social dentro da cibercultura. De acordo com Lévy (1999), esse movimento social se dá graças a três fatores: interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva. Esses três elementos são fundamentais para auxiliar no entendimento deste artigo que envolve as redes sociais como palco do empoderamento dos corpos das mulheres.

### **1.1 INTERCONEXÃO, COMUNIDADES VIRTUAIS E INTELIGÊNCIA COLETIVA**

O movimento social dentro da cibercultura se dá através da interconexão: é preferível socializar e se conectar ao invés do isolamento. Fato esse que é perceptível com número de membros e curtidas dos grupos e páginas do *Facebook: Curandeiras de Si*, um grupo com 17.494 membras e a página com 51.541 curtidas e o grupo *Ginecologia Natural* com 15.238 membras e a página *Ginecologia Natural* que possui 59.105 curtidas.

Depois de travada a interconexão, o segundo fator que Lévy aponta são as comunidades virtuais, as quais “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 1999, p.127). O fortalecimento do movimento feminista dentro do *Facebook* é identificado pela grande quantidade de páginas e grupos com a finalidade de fornecer notícias, informes, discutir pautas, trocar saberes, além de acolher as mulheres em sua diversidade, isso fica claro dentro das redes sociais como explica Rachel Recuero:

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p.24).

As redes sociais, como o *Facebook* e *Twitter*, têm sido grandes difusores de informação e, em consequência disso, diversos grupos sociais têm se fortalecido e se organizado através das discussões acerca de um determinado assunto, podemos citar como exemplos assuntos do movimento negro, LGBT+ e, também, as pautas

feministas. Quanto a análise de empoderamento do corpo da mulher pelas páginas e grupos, ela acontece através da disseminação de informações, o que estimula o autoconhecimento e as trocas de experiências e, em decorrência disso, incita a mulher a lutar pela autonomia do próprio corpo.

A terceira e considerada a última finalidade do ciberespaço, é a “inteligência coletiva”, a qual é alimentada através das comunidades virtuais. Para Lévy:

É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. (...) A base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. (...) Ninguém sabe de tudo, todos sabem alguma coisa, todo saber está na humanidade. Não existe nenhum reservatório de conhecimento transcendente, e o saber não é nada além do que as pessoas sabem (LÉVY, 1998, p. 28-29).

Deste modo, o crescimento do ciberespaço e o avanço da cibercultura tem um papel fundamental em descentralizar o poder do saber. Pode-se notar que o incentivo ao conhecimento – seja na produção ou no fruir – estimula a inteligência coletiva, portanto esta tem papel fundamental no entendimento da importância dos grupos e das páginas informativas das redes sociais, afinal estes grupos e páginas compõem uma grande fonte de informação e produção de saberes que alimenta a inteligência coletiva. São nestes grupos e páginas que assuntos sobre corpo da mulher como autocuidado, aborto e feminismo são discutidos; existe a troca de vivências, opiniões, *e-books*, textos, vídeos e matérias acerca do empoderamento do corpo feminino, criando uma verdadeira rede de apoio e conhecimento sobre a mulher e seu lugar na sociedade.

Para Recuero (2009), das mudanças que a internet provocou à sociedade, a possibilidade de se expressar e de travar contatos sociais mediadas pelo computador foi uma das mais intensas. Assim, indivíduos passaram a interagir e a se comunicar com outros indivíduos, podendo se unir em comunidades virtuais em prol de um interesse comum. Essas conexões virtuais acarretaram e acarretam mobilizações por todo mundo fazendo pressão por mudanças, provocando quedas de Governo – como a Primavera Árabe – e favorecendo correntes solidárias, podemos citar aqui a comoção nacional do caso atual<sup>4</sup> da execução da vereadora Marielle Franco no Rio

---

4 Marielle Franco foi assassinada no dia 14 de março de 2018, na cidade do Rio de Janeiro

de Janeiro. Portanto, as redes sociais funcionam como uma espécie de combustível para pressionar o governo e a sociedade por mudanças.

Além disso, as novas tecnologias móveis são instrumentos que os internautas utilizam para escrever opiniões e contribuir para diferentes narrativas de um mesmo fato, dessa forma favorecendo uma perspectiva totalmente nova acerca de qualquer assunto. Jacques Le Goff (1990) explica que as memórias narradas através da história foram manipuladas e abordadas sempre de forma a favorecer o lado dominante. Pouco ou nada se sabe a respeito das civilizações e culturas subjugadas como inferiores. Portanto, as redes sociais passam a ter um caráter inovador, já que as vozes dos anônimos passam a ter valor.

A mídia tradicional, portanto, que tinha um caráter central perde muito do seu poder, pois as redes sociais passam a oferecer espaço de voz principalmente àqueles que nunca foram ouvidos. Como explica a autora Mágnã Cunha “se na dimensão conhecida da mídia tradicional, o entendimento sempre foi de distribuição a partir de um centro, o novo cenário se encaminha na direção do compartilhamento, na medida em que muitos são autores” (CUNHA. 2011, p. 105).

A rede social mais utilizada pelos brasileiros é o *Facebook*. O Brasil é o terceiro país com maior número de usuários no mundo, ficando atrás da Índia, porém os brasileiros são mais assíduos nesta rede do que os indianos. Logo, essa rede social configura uma importante fonte de informação, pesquisa e local de troca de conhecimentos<sup>5</sup>.

O Facebook permite que o usuário curta páginas e participe de grupos (comunidades virtuais), onde pode não só se inteirar (interconexão) como também pode ser um produtor de conteúdo, ajudando a questionar e a entender problemáticas acerca de determinado assunto (inteligência coletiva).

## 2. CIBERATIVISMO E FEMINISMO

O sistema das sociedades contemporâneas possui três pilares de exploração: raça, classe e gênero. O patriarcalismo mantém a exploração de gênero que é

---

5 Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html>, acesso em 01 de abril de 2018.

caracterizada pela supremacia do homem branco em todas as áreas de atuação social, seja ela política, familiar, profissional ou cultural e como bem destaca Castells “os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo” (CASTELLS, 2010, p. 169).

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública a cada 11 minutos uma mulher é estuprada no Brasil, ou seja, cinco mulheres são vítimas de estupro a cada hora. Em 2015 foram registrados 45,4 mil casos, vale salientar que esse número pode ser maior, já que grande parte das vítimas desse crime não denunciam<sup>6</sup>. Segundo dados dos Ministérios Públicos estaduais, entre março de 2016 e 2017, foram registrados ao menos oito casos de feminicídio por dia<sup>7</sup>. Uma pesquisa promovida pelo Datafolha constatou que a cada hora 503 mulheres são vítimas de agressão física<sup>8</sup>. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que, no Brasil, a diferença média entre o salário dos homens e das mulheres pode alcançar R\$ 1 mil<sup>9</sup>. Quanto à representação feminina na política do país, dados de uma associação de legislativos do mundo, a Inter-Parliamentary Union, aponta que o Brasil ocupa o 154º lugar entre 193 países<sup>10</sup>. Deste modo o movimento feminista é uma reação ao sistema patriarcal, promovendo a ideia de equidade social, política e econômica entre os gêneros.

Em vista de tudo que foi mencionado, as comunidades virtuais podem desenvolver uma finalidade política, abrindo espaço para o chamado ciberativismo, comprovando quanto a forma de fazer política, o saber, o conhecimento e as relações interpessoais foram transformados com a cibercultura.

Com a expansão da internet, começaram a eclodir diversos movimentos de ação direta, com práticas sociais e comunicativas específicas, realizando novas formas de conflitualidades sociais. Neste enquadramento, surge o ciberativismo. De origem estadunidense, é um conjunto de práticas em

---

6 Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/11/brasil-registra-um-estupro-cada-11-minutos-mostra-levantamento.html>, acesso em 25 de outubro de 2017.

7 Disponível em <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/brasil-registra-oito-casos-de-feminicidio-por-dia-diz-ministerio-publico.ghtml>, acesso em 25 de outubro de 2017.

8 Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>, acesso em 25 de outubro de 2017.

9 Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/diferenca-de-salario-medio-de-homens-e-mulheres-pode-chegar-a-quase-r-1-mil-no-pais-aponta-ibge.ghtml>, acesso em 25 de outubro de 2017.

10 Disponível em <http://www.politize.com.br/participacao-das-mulheres-na-politica-brasileira/>, acesso em 20 de outubro de 2017.

defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, como a internet (BRITO, LONDERO, 2017, p.3)

Assim o feminismo só vem ganhando com o crescimento do ciberespaço, pois a filosofia de luta das mulheres vem sendo propagados em todo planeta através da virtualização da informação e do ciberativismo.

A luta feminista usufrui de um aparato da sociedade em rede propiciador de uma propagação mais facilitada e abrangente de suas causas: o ciberativismo, ativismo digital ou online, que são ações políticas via internet em que os ativistas online, atuando de forma independente, organizam-se espontaneamente. Isso ocorre devido ao poder informacional, antes monopolizado pelas mídias tradicionais, esvair-se agora com a internet que

distribui o poder para milhões de computadores hierarquicamente iguais (DIEMINGER, OLIVEIRA, 2015, p.3).

Através do ciberativismo é que o protagonismo social é cobrado, pois sugere que o cidadão participe e exija mudanças pelos direitos às minorias, dessa forma “lançando-o como sujeito transformador histórico-social através de qualquer demanda por direitos” (DIEMINGER, OLIVEIRA, 2015, p.3). As redes sociais têm exercido o papel de coordenar manifestações políticas – como foi o caso da “Primavera” brasileira ocorrida em todo país durante o mês de junho em 2013 – de promover debates das diversas desigualdades no país e promover as muitas formas de organizações sociais.

De acordo com a médica ginecologista, Bel Saide, a ginecologia natural é um movimento que já acontece na América Latina e recentemente chegou ao Brasil<sup>11</sup>, através, principalmente, da internet. Esse movimento que vai de encontro ao pensamento patriarcal dominante é muito importante para a autonomia da mulher e do seu corpo, por isso é imprescindível existir grupos de assuntos referentes a esse assunto.

No dia 16 de Janeiro de 2018, na Casa das Águas Mãe Preta (Salvador-BA), foi lançado o Manual de Ginecologia Natural e Autônoma idealizado por Laís Souza, Máira Coelho, Luma Flôres e Jaqueline de Almeida<sup>12</sup>. Esse material é disponibilizado gratuitamente na internet e é fruto desse movimento de empoderamento do corpo

---

11 Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/movimento-de-ginecologia-natural-ganha-cada-vez-mais-adeptas-21674372.html>, acesso em 30 de outubro de 2017.

12 Disponível em <https://mahuwacomterapia.wordpress.com/manual-de-ginecologia-natural-e-autonoma/>, acesso em 01 de Abril de 2018

feminino que vem tomando as redes sociais e que tem levado as mulheres a se organizarem e encontrarem fora do mundo virtual.

Nos grupos Ginecologia Natural e Curandeiras de si, as mulheres divulgam e compartilham materiais e livros virtuais produzidos por outras mulheres sobre o funcionamento do próprio corpo, além de divulgar rodas de vivência ou cursos sobre ginecologia natural. Na Casa Guió, em Salvador – Ba, tem acontecidos encontros de ginecologia política, graças a difusão e compartilhamento desse assunto nas redes.

Em vista disso, esses encontros, produção de saberes e comunidades virtuais têm se mostrado como uma importante forma de resistência política e de ciberativismo feminista dentro da cultura machista atual, pois vem confrontando o modo de fazer ciência que é, infelizmente, a patriarcal.

Vale salientar também que a questão cultural como importante ponto no desenvolvimento da ciência é abordado pela antropóloga Emily Martin, em seu livro *A Mulher no Corpo: Uma Análise Cultural da Reprodução*, publicado em 1987. Martin (2006) explica que a cultura do patriarcalismo está arraigado nos discursos biomédicos e isso mudou a percepção da mulher com seu próprio corpo. No século XIX, por exemplo, acreditava-se na doença denominada histeria feminina<sup>13</sup>, em que a mulher padecia de irritabilidade, era decorrente do útero. Obviamente, essa doença caiu por terra, como explica Cecilia Sardenberg

na verdade, percorrendo a história do conhecimento científico sobre o corpo feminino através dos tempos, verifica-se que até meados do século XIX as noções e práticas médicas pouco divergiam das propagadas pelo senso comum da época. (SARDENBERG, 1994, p.319)

Além do poder informacional na sociedade patriarcal estar centralizado na mão dos homens, não só as mídias tradicionais detém esse poder, como também o biomédico – transformando o corpo da mulher em laboratório de pesquisa – e a indústria farmacêutica – que enxerga o corpo da mulher como potencial de lucro – o que vem sendo questionado pelas mulheres com o ciberativismo. Devido a esse controle patriarcal sobre os corpos das mulheres, o desenvolvimento do conhecimento acerca das concepções sobre menstruação, gestação, parto, amamentação e menopausa são fundamentais para a recuperação da autonomia feminina.

---

13 Disponível em <http://revistafrontal.com/cultura/16939/>, acesso em 26 de outubro de 2017.

Só no mês de Janeiro de 2018, no grupo Curandeiras de Si, aconteceram 60 postagens sobre menstruação, que é um dos temas mais recorrentes do grupo, tem-se falado bastante sobre mudança de ciclo, o ritual de plantar a lua, o uso da mandala e chás que ajudem a mulher nesse período. 16 postagens sobre coletores menstruais, uma forma alternativa ao absorvente, 95 postagens sobre o uso de anticoncepcionais, 37 sobre o Dui. No entanto, vale ressaltar que nas postagens sobre métodos contraceptivos alternativos o Dui de cobre é a principal recomendação, sem falar que sempre tem comentários de membras lembrando que a camisinha é o único método eficaz contra doenças sexualmente transmissíveis (DST's). Nas postagens sobre contracepção, acontecem muitos embates entre as que defendem a tabelinha como método e as que desconsideram esse método. Aqui se abre o importante debate acerca do conhecimento do próprio corpo, muitas mulheres quando estudam o próprio ciclo, conseguem perceber exatamente quando se inicia a ovulação, podendo adotar a tabelinha como método, mas ressaltam que precisam de um profundo conhecimento acerca de si mesma e autocontrole para evitar relações sexuais durante esse período.

Além disso, se fala bastante sobre os efeitos nocivos do uso do anticoncepcional e o desgosto em se tratar vários problemas – como Síndrome do Ovário Policístico e Endometriose – apenas com esse medicamento. Assim, o grupo tem se mostrado um importante – e ainda em processo de amadurecimento – meio para se trocar formas alternativas de tratamento com chás, vaporizações e combinados de ervas, um saber ancestral que está sendo resgatado e divulgado nessas comunidades virtuais. Como forma alternativa de tratamento e conhecimento, nos arquivos do grupo podem se encontrar uma extensa lista de manuais ginecológicos produzidos por mulheres e livros que ensinam sobre ervas, ciclos femininos e a prática de uma ginecologia mais natural. Pode-se perceber, dessa forma, que as comunidades virtuais e os grupos e páginas que cito neste artigo, compõem uma forma de desobediência frente ao sistema patriarcal, o qual conseguiu provocar uma alienação da mulher acerca do seu próprio corpo.

O discurso biomédico brasileiro, por exemplo, exalta o parto feito através da cirurgia cesárea, alegando que a mulher não precisa sentir dor, sendo que esse método só deve ser feito em caso de emergências. O Brasil é campeão de partos cesarianos no mundo, em 2015 a Agência Nacional de Saúde publicou que no sistema

privado 84% dos partos são feitos por cesáreas ao passo que no Sistema Único de Saúde (SUS) a taxa é de 40%, o recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é 15%. Na Europa e nos Estados Unidos, o parto normal é a regra sendo que a mídia, os médicos e a própria população sabem que cirurgia só em casos críticos<sup>14</sup>. Além disso, a violência obstétrica é uma realidade, infelizmente, comum para as brasileiras, nas redes sociais e em *blogs* sobre feminismo é frequente desabafo de mulheres que passaram por esse tipo de violência<sup>15</sup>.

Outra pauta que tem sido frequente é sobre o uso indiscriminado de anticoncepcionais, que podem ter efeitos colaterais como trombose e acidente vascular cerebral (AVC), além de provocar mudanças de libido, comportamento e humor. O famoso médico Elsimar Coutinho caracteriza a menstruação como “uma sangria inútil” e endossa o uso de anticoncepcionais (SARDENBERG. 1994). O discurso de muitas feministas vão de encontro a essa afirmação, pois não concordam em medicar um fenômeno natural do corpo da mulher. Vale destacar também que os anticoncepcionais masculinos foram proibidos de serem comercializados por causarem os mesmos efeitos adversos provocados nas mulheres<sup>16</sup>.

Ademais, os absorventes também são atingidos nessa rede de polêmicas. Bel Saide, ginecologista obstetra dona da página Ginecologia Natural, explica que o uso dos absorventes descartáveis trazem malefícios à saúde da mulher, devido os compostos químicos usados na produção deles. Um dos efeitos desses compostos é fazer a mulher menstruar mais e, conseqüentemente, aumentar o consumo dos absorventes causando impactos negativos ao meio ambiente<sup>17</sup>. Dentro dos grupos que propus investigar, soluções são debatidas para substituir o uso dos absorventes, como é o caso dos coletores menstruais, calcinhas absorventes, absorventes de panos, entre outros.

O processo de gestação é outro assunto controverso, pois o peso de gerar um filho, no Brasil, recai muito mais em cima da mulher do que do homem. Afinal, dados

---

14 Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/saude/parto-normal-7111.html>, acesso em 30 de outubro de 2017.

15 Disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2014/05/violencia-obstetrica-um-crime-silencioso/>, acesso em 30 de outubro de 2017.

16 Disponível em <http://saude.ig.com.br/2016-11-04/anticoncepcional-masculino.html>, acesso em 30 de outubro de 2017.

17 Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/movimento-de-ginecologia-natural-ganha-cada-vez-mais-adeptas-21674372.html>, acesso em 30 de outubro de 2017.

do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011, apontam que há 5,5 milhões de crianças brasileiras sem o nome do pai na certidão de nascimento<sup>18</sup>. É imprescindível ressaltar também que a prática do aborto no país é criminalizada<sup>19</sup>. Além disso, o processo de laqueadura de trompas só é permitido quando o marido assina a autorização, como explica a historiadora Mary del Priore (2013) antigamente a mulher passava da tutela do pai para a do marido e, assim, percebe-se o mesmo ciclo nos dias de hoje, endossado também pela tutela patriarcal do Estado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É primordial abordar o ciberespaço e a cibercultura como elementos transformadores da nossa sociedade atual e, assim, se propor a compreender os discursos e a luta das diversas minorias. Aqui foi especificado – ainda que de modo embrionário – a luta feminista nas redes sociais, em específico os grupos e páginas do *Facebook* Curandeiras de si e Ginecologia Natural, relacionados ao empoderamento e retomada do conhecimento acerca do corpo da mulher.

O artigo teve como ponto esclarecer as disputas políticas e simbólicas em torno do corpo da mulher, onde se nota o discurso biomédico, o qual gera um processo de alienação do conhecimento do corpo feminino, e do outro a própria indústria que enxerga o corpo da mulher como uma fonte de renda e lucro e, à margem, o discurso que é abordado pelas feministas que defendem a retomada e controle do próprio corpo.

A crescente luta feminista, portanto, tem se intensificado graças a cibercultura e o uso das redes sociais, sendo um elemento facilitador da disseminação de informações alternativas que se contrapõem ao discurso dominante das grandes mídias em concomitância às indústrias, além de incentivar a produção de conhecimento e conteúdo feito e distribuído por mulheres.

---

18 Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-tem-5-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro/>, acesso em 20 de outubro de 2017.

19 Recentemente a PEC 181/2011 que visa criminalizar o aborto em casos de estupro foi aprovada na Câmara dos Deputados. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/comissao-aprova-projeto-que-restringe-aborto-ate-em-caso-de-estupro>, acesso em 20 de outubro de 2017.

A cibercultura se apresenta como motor no processo de descentralizar o poder da informação do sistema patriarcal. As comunidades virtuais de cunho feminista têm sido palco de produção de saberes que colocam em xeque o valor do cientificismo produzido para manutenção da supremacia masculina branca. Portanto, os discursos feministas no ciberespaço indicam outras possibilidades de crescimento político e construção de informações que visam a independência social da mulher através da retomada de autonomia do próprio corpo.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRITO, A. H. I.; LONDERO, R. R. **Ciberativismo, Midiativismo e Jornalismo Pós-Industrial: uma discussão em torno do Mídia Ninja**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.  
CUNHA, Márgda Rodrigues da. A Memória na era da reconexão e do esquecimento. In: **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2011.

DIEMINGER, C. C.; OLIVEIRA, R. S. **Protagonismo ascendente: o ativismo online nas lutas feministas**. Perú: Derecho y Cambio Social, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Editora Aleph, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp. 1990.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de Comunicação como extensões dos homens**. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

RECUERO, Rachel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. In: **Fronteiras: Estudos Midiáticos**, 16(2), 2014, p. 60-77.

SARDENBERG, Cecília M. B. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 2. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 314-344.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. In: **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.